

Práticas e representações sobre a mulher amotinada na América Portuguesa

Alexandre Rodrigues de Souza¹

A relação entre a mulher e a transgressão vem de longe. Essa associação está marcada como uma cicatriz nas representações femininas desde que Eva, num ato de desrespeito a Deus, foi a primeira a provar do fruto proibido. O mito edênico ainda se faz presente na Época Moderna como uma mancha na condição de vida feminina.

Seja no anonimato ou na notoriedade a presença feminina nos movimentos de contestação política na América portuguesa ainda foi pouco explorado. Apesar das entrelinhas, tanto da historiográfica, quanto da documentação, já terem dado sinais do toque feminino nas rebeliões que sacudiram esse lado do Atlântico.

Não se pode esperar, é claro, que as mulheres participem das revoltas no mesmo estilo masculino. Seu contato é diferente. Arlette Farge adverte que o trabalho com a função da figura feminina “na revolta é, antes de mais nada, não nos espantarmos com esta evidência, é saber que só a inversa seria surpreendente, e que há talvez que inverter a questão e perguntando-nos em nome de quê e porquê estariam elas ausentes quando a revolta alastra” (FARGE, 1991: 569).

E.P. Thompson ao analisar as massas sublevadas na Europa moderna, identificou o papel de destaque das mulheres nos motins. O autor narra a presença de homens e mulheres que engrossavam a multidão “imbuídos da crença de que estavam defendendo direitos costumeiros tradicionais”(THOMPSON, 1998: 152). Thompson afirma que, com frequência, eram elas que tomavam a iniciativa de começar as sublevações. Segundo autor, eram elas as primeiras a identificar o aumento do pão ou a escassez de alimentos no mercado. Thompson ressaltou a maciça presença de mulheres nos chamados “motins de fome”. Segundo o autor, eram elas “as mais envolvidas com as negociações face a face no mercado, as mais sensíveis ao significado dos preços, as mais experientes em detectar peso insuficiente ou qualidade inferior”(THOMPSON, 1998: 184).

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF, sob orientação do Prof.º Dr. Luciano Figueiredo. Este texto é um desdobramento da minha pesquisa de Mestrado, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Jean Delumeau também descreveu sobre os tipos de “palavras”, “ritos”, e “tumultos” que caracterizam a presença feminina nas revoltas. As mulheres ganham espaço nas revoltas principalmente como “motores” das sedições, instigando seus maridos e filhos a se rebelarem, se tornando verdadeiras “viragos” nos campos de batalha. Segundo o autor (DELUMEAU, 1989: 188-202).

Arlette Farge também averiguou que a presença feminina nos motins é um fato que “ressalta de todos os estudos relativos às violência coletivas”. Porém, segundo a autora, dificilmente isso foi estudado. Farge ressalta que ainda tem que se “questionar a partida a revolta, as funções, os gestos e os sinais” da mulher “no interior dessa revolta, mais igualmente o regresso do motim, que não é mais simples” no que se refere a participação das mulheres. A autora se diz aliviada, pois com o passar dos anos a relação entre mulheres e motins foi se desfazendo da ideia de que a figura feminina só estaria presente nos “motins de fome”. Farge fez uma análise da historiografia européia que se dedicou em estudar a violência das multidões e das “comunidades que se enfureceram entre os séculos XVI e XVIII” e pode concluir que as mulheres não pensavam somente pela barriga. Elas estiveram presentes tanto nos motins de fome, como nos motins antifiscais, nas revoltas religiosas e ainda nos conflitos de cunho político (FARGE, 1991: 553-556).

Apesar de, como bem ressaltou Delumeau, as mulheres defenderem “por uma espécie de reflexo biológico, a vida de seus filhos e a existência física de seu lar”, não se menospreza aqui a importância da mulher como mantenedora da vida, já que como foi observado, há uma maior participação da figura feminina nas revoltas ligadas a sobrevivência. Mas a atuação dessas agitadoras, não se resume a isso. Elas vão além e estão presentes nos motins de cunho político. Entretanto, não podemos deixar de dizer que em alguns momentos “as mulheres ficavam com medo antes dos homens, quer se trate de pão, de impostos, de *enclosures*, de ladrões de crianças ou de religião”. Nessas situações “elas que primeiro percebiam a ameaça, acolhendo e difundindo os rumores; comunicavam a angústia a seu círculo e estimulavam por isso mesmo as decisões extremas”. A conjuntura as instigava a “tomar a iniciativa dos gestos irreparáveis – dos gestos que tranquilizavam, uma vez que deviam intimidar, ou mesmo aniquilar o adversário (DELUMEAU, 1989: 189-190).

Thompson em “Economia moral revisitada” responde as críticas feitas ao seu texto em relação ao mesmo assunto: a presença das mulheres nos motins de fome. Segundo o autor:

Se as mulheres tinham especial proeminência nos motins da fome de regiões em que era forte a economia doméstica manufatureira, era em parte porque o seu papel nessa economia lhes assegurava autoridade e autoconfiança. Mas tal não se dava porque os papéis de gênero fossem quase indistinguíveis. A esfera da autoridade feminina provavelmente se encarregava da maior parte das compras de alimentos, e dentro da casa era responsabilidade das mulheres assar o pão, preparar a cerveja e cuidar da alimentação da família. Elas eram, portanto. Especialmente sensíveis ao preço e à qualidade das mercadorias, e as primeiras a terem de elaborar economias estratégicas de sobrevivência diante da ameaça de desabastecimento. Esse papel as tornava guardiãs da sobrevivência da família em pé de igualdade com os homens, que talvez ganhassem a maior parte da renda familiar (THOMPSON, 1998: 184).

Não obstante, desse lado do Atlântico as mulheres pareciam está também conscientes de seu papel. Maria Odila Dias destacou os conflitos das padeiras e quitadeiras da vila de São Paulo no fim dos setecentos em resistência ao fisco. Como forma de protesto em 1744 houve uma “recusa formal das padeiras de São Paulo de apresentarem a dança tradicional, de que estavam encarregadas na procissão de Corpus Christi, que era então a festa mais importante do ano”. Segundo a autora, a “procissão de Corpus Christi era cuidadosamente organizada e planejada pelas autoridades municipais em moldes tradicionais”. Era um “ritual de obediência e vassalagem”. No ano de 1744 “uma grande seca atrapalhava a colheita, os atravessadores entraram em cena, havia ameaça de fome, carestia, falta de gêneros alimentícios”(DIAS, 1995: 72-73). Essas mulheres estavam conscientes do seu papel como abastecedoras comunidade local. Conscientes das suas habilidades de fazer pão e de sua responsabilidade pela procissão daquela data, elas tiraram do seu cotidiano a sua forma de protestar. Afinal, quando se trata do “mítico imposto sobre a vida, são as mulheres, em primeiro lugar e sobretudo, que crêem nele” (DELUMEAU, 1989: 89).

Direta ou indiretamente a historiografia já vinha apontando mesmo que nas entrelinhas diversas formas de participação do sexo feminino seja nas revoltas, conflitos do cotidiano, disputas por terras, heranças etc. Aqui privilegiou-se o caso das rebeliões. É importante ressaltar que foi retirado apenas os relatos dos momentos em que a figura feminina aparece, mas é preciso considerar que cada um desses conflitos são fruto de um contexto particular (FIGUEIREDO, 2000; SOUZA, 2002) .

Em “Olinda Restaurada”, por exemplo, Evaldo Cabral de Mello faz um painel sobre o nordeste açucareiro, bem como sobre o período de dominação Holandesa no Brasil (1630-1654). Em tempos de instabilidade política, durante a Restauração Pernambucana, o autor descreve a história de Gaspar Dias Ferreira que seguiu com Nassau para os Países Baixos no ano de 1644 e deixou seus bens sobre administração de Dona Clara das Neves, “e de seus filhos, que continuaram na posse pacífica das propriedades após a revolta de 1645”. Dona Clara teria ainda papel importante nas duas batalhas dos Guararapes por sua “assistência prestada aos soldados restaurados, cujos feridos sangrou e curou por suas próprias mãos, com a ajuda de suas criadas, com grande caridade e dispêndio de fazenda (MELLO, 1998: 438).

D. Isabel Pires Monteiro, esposa do capitão-mor Luis Cerqueira Brandão, aparece “graciosamente”, durante os motins do sertão, “com oitenta mãos de milho para a cavalaria del rei e um grande refresco que mandou ao destacamento demonstrações de fidelidade a exemplo do sobredito seu marido pronto no serviço del rei” durante a passagem das tropas pelo sertão (ANTT. Livro 10, 1737).

A figura feminina aparece nesse momento prestando socorro aos soldados. Essa função tem uma conotação de fidelidade real característica dessa sociedade, já que a mesma mostra sua lealdade à autoridade régia num momento de crise política. D. Isabel Pires e D. Clara, aparecem atentas aos seus serviços del rei como súditas fiéis, num momento importante de sublevações, abastecimento das tropas da coroa ou prestando assistência aos ferimentos dos soldados.

Ainda sobre a participação das mulheres nos conflitos pernambucanos, Domingos Loreto Couto em seu livro “Desagravo do Brasil e Glórias de Pernambuco” imprimiu o seu olhar sobre a figura feminina nessas agitações. Dessa vez ligada à reação aos invasores holandeses calvinistas, o carmelita na passagem intitulada “Pernambuco Ilustrado pelo Sexo Feminino”, faz um discurso ilibado as pernambucanas que durante o século XVII foram dignas de “honestidade, recolhimento, modéstia e recato tão vinculado das mulheres de Pernambuco”. Essas mulheres ofereceram “muitas vezes as gargantas aos alfanges, os peitos aos punhais dos holandeses”. O autor ressalta ainda aquelas que “se sujeitaram a um perpétuo degredo, e algumas tiraram a si mesmas a vida, quando de outro modo não podiam resistir às bárbaras violências” (COUTO, 1981: 487).

Em tons teatrais Frei Manoel Calado, autor do livro “*O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade*”, obra datada de 1648, conta os acontecimentos ocorridos durante a Restauração Pernambucana. Importante salientar que o autor foi testemunha ocular dos fatos que relata. Logo, toma partido de muitos dos casos que narra. Frei Manoel Calado não deixou de imprimir a participação feminina na sua narrativa. Em uma passagem onde “enquanto o governador João Fernandes Vieira se deteve com nossa gente” foram espalhados “os do Conselho Supremo do Recife um bando, e tirano edital” Segundo o autor, o referido anúncio avisava,

que todas as mulheres dos moradores que se haviam retirado com João Fernandes Vieira para os matos, fossem dentro em cinco dias naturais próximos seguintes em busca de seus maridos com seus filhos, e filhas, sob pena de morte, a fogo, e sangue, e perdimento de seus bens, e que passado este termo de cinco dias se não usaria de clemência, nem piedade com aquelas que tendo seus maridos, irmãos, ou filhos ausentes, se achassem em suas casas (CALADO, 2004, vol. I: p. 339).²

Frei Manoel Calado lamenta ao “pio leitor o que fariam as pobres e miseráveis mulheres, vendo seus pais, maridos, irmãos, e filhos ausentes, sem saberem as paragens aonde estavam, vendos e sós”. Essas pobres mulheres estavam “desamparadas, e no meio do rigor do inverno, sem mantimento para se sustentar entre as silvas hórridas dos matos”. Ainda segundo o autor essas pernambucanas viam “que a tirana espada do inimigo estava já ameaçando os seus pescoços, e gargantas; umas se prostavam de joelhos, e com as mãos levantadas ao céu, e os olhos arrasados em lágrimas, pediam a Deus perdão e misericórdia”. Enquanto isso,

outras com rosários da Virgem Maria nas mãos, os passavam uma, e muitas vezes, outras se abraçavam com os inocentes filhinhos, e com soluços, e gemidos se despediam deles, outras caíam desmaiadas em terra sem dar acordo de si, outras que nunca haviam saído de suas casas, se não era no tempo da Quaresma, ou nos dias das festas principais à igreja, e ainda então arrimadas em pajens, por não caírem; vendo-se neste aperto, e estreitura arremetiam com o súbito temor a entrar por entre os matos, e ali se punham a misericórdia de Deus, e a proteção, e amparo à Virgem Maria, e aos Santos, de quem eram mais devotas; porque de outra parte esperavam que lhe pudesse vir socorro, nem remédio (CALADO, 2004, vol. I: 339-340).

José Bernardo Fernandes Gama em “Memórias históricas da província de Pernambuco” narra a indignação das mulheres durante a Guerra dos Mascates que

² Análise mais aprofundada da obra em: MELLO, José Antônio Gonsalves de. Frei Manoel Calado do Salvador: religioso da Ordem de São Paulo, pregador apostólico por Sua Santidade, cronista da restauração. Recife: Universidade do Recife, 1954.

permaneciam em suas casas sozinhas, enfrentando o perigo eminente de ataque, por parte dos mestiços de Camarão ou dos Tumb-cumbês, enquanto os homens de sua família ficavam escondidos pelos matos (GAMA, 1977, v. IV: 249).³

Frei Manoel Calado também observou o mesmo acontecimento na restauração pernambucana. Segundo o autor, os homens que

se agregaram a João Fernandes Vieira, sendo os mais deles casados, e ricos, desamparam suas fazendas, e deixaram suas mulheres, e filhos ao rigor do inimigo, como também o mesmo João Fernandes Vieira, por não lhe ser possível retirarem-nos para os matos; porque a muita pressa o inimigo deu em querer prender os moradores depois que se lhe descobriu a conjuração, não deu lugar a que os moradores se preparassem em forma, como lhes era necessário (CALADO, 2004, vol. I: 324).

Rocha Pita também descreveu a participação de mulheres na guerra dos emboabas de uma forma mais ativa. Ao contrário dos cronistas acima, Rocha Pita ressalta como a crueldade feminina ajudou na revolta. Segundo o autor:

Os paulistas, pela ausência de D. Fernando Martins Mascarenhas vendo totalmente destituídos de poder e forças o seu partido, se tinham retirado para S. Paulo, mas foram recebidos com desprezo até pelas próprias mulheres, que balsonando de Pentensiléias, Semíramis e Zenóbias os injuriavam por se haverem ausentado das Minas fugitivos, e sem tomarem vingança dos seus agravos, estimulando-os a volta na satisfação deles com o estrago de forasteiros (PITA, 1965: 412).

Para Adriana Romeiro não há nada que confirme a afirmação de Rocha Pita, que foi “o primeiro a invocar o mito das mulheres paulistas que obrigam os maridos a se vingarem dos emboabas”. Como bem destacou a autora trata-se de palavras de inspiração na “mitologia clássica, e depois incorporada à memória do evento, sublinha a força e a dignidade das mulheres paulistas, não é menos verdade que destaca também a pusilanimidade dos homens do planalto”(ROMEIRO, 2008:194-195).

O tom de reparação invade o coração dessas mulheres. Verdade ou não, Rocha Pita não deixou de pintar o caráter que “este fogo, soprado por aquele sexo em que se acha mais pronto o furor vingativo, em que mais ardem os corações dos homens”. Segundo o autor cresceu nos Paulistas a “consideração do crédito que deixaram ultrajado, e da fama que tinham perdido (chama interior que os não abrasa menos pelos seus naturais brios), o fez juntar um numeroso exército de paisano”. O objetivo era “tornarem de novo à palestra com os seus contendores; e de elegendo por general, a

³ Para análise dessa obra: MELLO, Evaldo Cabral de. *A fronda dos Mazombos*. Nobres contra Mascates, 1666-1715. 2ª ed. revista. São Paulo: 34, 2003. Anexo B: “As fontes narrativas da Guerra dos Mascates”, p. 477.

Amador Bueno, pessoa entre eles de maior reputação no valor e na prática das armas, marcharam para as minas” (PITA, 1965: 412). Se as palavras de Rocha Pita forem mesmo verdadeiras o “furor vingativo” daquele sexo parece ter realmente servido, já que os paulistas ultrajados da guerra resolveram voltar.

Rocha Pita fez referência a mitologia clássica para destacar a presença feminina no conflito emboaba. Quanto se tratava de batalhas os deuses pareciam realmente interessados do assunto. Frei Manuel Calado narra que depois de um dos confrontos durante da Restauração Pernambucana os holandeses que “escaparam com vida deste encontro, confessavam por suas bocas, que no mais fervoroso e perigoso da batalha, viram andar entre os portugueses uma mulher muito formosa, vestida de branco e azul, com um menino nos braços”. Segundo o autor, “junto a ela um velho venerando, em hábito de ermitão, os quais davam armas, pólvora e balas aos nossos soldados; e que era tanto o esplendor que a mulher, e o menino tinham, que os olhos se lhe ofuscavam, e não podiam olhar para eles de fito a fito”. Esse acontecimento “lhes meteu tanto temor e espanto, que lhes fez logo virar as costas, e retirarem-se descompostamente”. Segundo o Calado:

Bem se mostra claramente que esta mulher era a Virgem Maria Nossa Senhora Mãe de Deus, que acudiu a nos favorecer tanto que a nossa gente implorou seu favor, e socorro, e a saudou, dizendo em altas vozes com lágrimas nos olhos: Salve Rainha Madre de Misericórdia. Bem mostrou a Virgem neste feito quebrando e fazendo em pedaços as suas santas imagens e de seu bendito filho (CALADO, 2004, vol. II, p. 15-16).

Aqui a obra do cronista da batalha da restauração se mistura ao pregador. Enquanto homem da igreja, seus relatos combinam as artes da guerra as figuras religiosas, fruto da mística devota de um frei.

Arlette Farge quem explica:

Agitadora activa, a mulher é-o integralmente: mas há mais. Os contos, as narrativas e as crônicas descrevem-na furiosa, cruel e sanguinária. É evidente que há que pôr as coisas no seu lugar; estes textos são sempre escritos por homens; por isso, a observação tenaz e obstinada da crueldade feminina é forçosamente ampliada pela memória masculina. Podemos também perguntar se o espetáculo da barbárie, festa mortal a rejeitar para o mais longe de si, o objeto que o olhar, fascinado, afasta e ao mesmo tempo contempla, não é uma parcela tão inominável do gosto da morte que o homem a atire sobre “a outra”, a estranha radicalmente outra, isto é, sobre a mulher, portadora de vida, de malícia e de desastrosa agonia (FARGE, 1991: 566-568).

A exemplo de Rocha Pita na Guerra dos Emboabas, o “Discurso Histórico e Político sobre a Sublevação que nas Minas houve no ano de 1720” traz novamente,

como descreveu Richa Pita o “furor vingativo” das mulheres para a revolta. Ao descrever as insolências que Manuel Nunes Viana “que no sertão dos currais da Bahia se estabeleceu, e engrossou com a desgraça alheia e o dano dos terceiros” relata em tom de retaliação o caso das “viúvas que experimentam, padecem, choram a falta dos maridos, o amparo dos pais, a perda do cabedal, nos incêndios, nos assaltos, nas mortes, de que ofendidas a entradas do rio de São Francisco”. As mulheres desamparadas “estão atualmente pedindo vinganças, consta que chegam suas vozes muito vivas aos tribunais; mas como lá- ou as afogam, ou lhes dão ouvidos, vendo que nem ai deixam de chamar em deserto, apela para Deus”. Essas mulheres “cobram em lágrimas sem remédio e, a satisfação que a justiça lhes deve em sangue”(SOUZA, 1994: 90).

Durante seu itinerário os rebeldes da restauração pernambucana também utilizaram casas de mulheres como ponto de estratégia política. Frei Manuel Calado narra o episódio em que o “Governador dos holandeses estava com a sua gente de guerra na casa forte de Dona Ana Pais, e que no seguinte dia por a manhã se havia de recolher o arraial”. Os revoltosos vieram “marchando pelo escuro da noite” e chegaram “com muito trabalho entre as onze e as doze ao engenho de Dona Cosma Frois, mulher que havia sido de Pedro da Cunha Andrade”. Mas a fazenda estava “tão cheia de lama” que os não tiveram “aonde poder descansar, salvo os que puderam recolher dentro no engenho”(CALADO, Frei Manoel, 2004, vol. II, p. 42).

No percurso dos amotinados do sertão a figura feminina aparece de outra forma. Os rebeldes aparecem, nos discursos das autoridades régias, cometendo “acessos desonestos com várias escravas em diversas partes tirando-as a força a seus senhores passando-lhes gerais nomes o dos terreiros a vista de todos, trazendo outras para o corpo da guarda e obrigaram mulheres casadas a cozinhar e fazer-lhes costuras”(ANTT. Mss. do Brasil. Livro 1, fl. 280-284). Questiona-se até que ponto essas falas são verdadeira ou se caminham no sentido de denegrir a imagem desses súditos rebeldes ao descrever as insolências que cometiam com as mulheres. Aqui a participação feminina ganha uma dupla conotação. Se por um lado a mulher foi obrigada a servir de várias formas os rebeldes, pois eram dotadas de uma fragilidade que lhes permitia o domínio sobre as mesmas. Por outro lado, essas insolências podem ser usadas contra os próprios amotinados durante a punição, já que estariam cometendo atitudes ilícitas contra o corpo feminino.

Ainda sobre esse mesmo levante Martinho de Mendonça, no dia 16 de dezembro de 1736, fez um resumo das qualidades dos rebeldes sertanejos. O governador disse, por exemplo, que o rebelde “Coronel João da Cunha e Vasconcelos, natural pelo que dizem de Santarém, e irmão de um capitão de Infantaria da Bahia, motor dos levantes dos Toncantins e agora novamente culpados nos do sertão”. Sobre outro amotinado, Antonio Gomes Victorio, disse que o mesmo tinha “casta de terra, ainda que passa por branco, alto magro, pinta de branco, e se chama capitão”. Antonio Gomes teria “duas irmãs na Bahia, mulheres damas, uma Dona Maria e outra Dona Ignez”. Sobre o outro insurgente chamado José da Fonseca relatava que era um “moço de vinte e cinco anos alto do corpo, com dois dentes de cima podres e quebrados, filho de uma Carioca que no Pitangui matou seu marido”(RAPM, v. 16, n. 2, 1911, p. 388-90).

O governador elenca em seu discurso diversas qualidades, ou melhor, más qualidades aos súditos envolvidos na revolta. São mamelucos, valentões, pessoas de relacionamentos duvidosos. A intenção de Martinho de Mendonça era mostrar que nenhum desses indivíduos vivia segundo o conceito de honra. A figura feminina aparece atrelada a desqualificação da qualidade dos súditos ultramarinos. Não se questiona aqui se realmente as duas irmãs de Antonio Gomes eram “mulheres damas” ou se a mãe de José da Fonseca realmente matou seu marido. O que está em jogo são as estratégias discursivas e misóginas criadas no relato do governador que desqualifica esses rebeldes pelas suas relações de parentesco com mulheres que não tinham boa fama pública.

O discurso tratou de usar seu corpo, sua espiritualidade, a sua suposta ligação como o mal, a sua maternidade. Enfim, de diversas formas a mulher deixou seu toque durante as agitações. Ora como frágil, ora como figuras femininas de incrível bravura e força, elas foram representadas de várias formas. Ao que tudo indica não estiveram tão longe assim dos campos de batalha.

Fontes:

ANTT. Mss. do Brasil. Livros, 1, 3, 10, 11, 15. Os documentos com lotação ANTT, citados nesse trabalho, resultam da transcrição do Prof. Dr Luciano Figueiredo (UFF). Agradeço ao prof. Luciano Figueiredo pela concessão dessas fontes, que fizeram parte da sua pesquisa de doutorado, financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES - Brasil), cujo título foi: Revoltas, fiscalidade e identidade colonial na América Portuguesa. (Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais, 1640- 1761). USP 1996. Ressalto aqui que o acesso as essas fontes se deve ao comprometimento desse historiador com os trabalhos de seus orientandos e alunos.

MOTINS do sertão e outras ocorrências em Minas Gerais durante o governo interino de Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, conforme a correspondência deste com o governo da metrópole; extratos de livro do Arquivo. Revista do Arquivo Público Mineiro - RAPM, Ouro Preto, v. 1, n. 4, p. 649-72, out./dez., 1896.

REGISTRO das cartas do Exmo. Sr. Gomes Freyre de Andrade governador e Capitão General das Minas Gerais, do Rio de Janeiro para o Sr. Martinho de Mendonça de Pina e de Proença. Revista do Arquivo Público Mineiro - RAPM, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 239-460, 1911.

CALADO, Frei Manoel(1584-1654). *O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade (1648)*. Recife: FUNDARPE, 1985. (2 Vols.).

COUTO, Domingos Loreto. *Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1981.

GAMA, José Bernardo Fernandes. Memórias históricas da província de Pernambuco. Recife, 1977, IV

SOUZA, Laura de Mello e. Estudo Crítico, in: Discurso Histórico e Político sobre a Sublevação que nas Minas houve no ano de 1720. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos de Culturais, 1994.

PITA, Rocha. História da América portuguesa. Rio de Janeiro, W. M. Jackson [1965].

Referência:

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente (1300-1800)*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FARGE, Arlette. *Agitadoras notórias*. In: História das mulheres no ocidente: do renascimento a idade moderna. Porto: Afrontamento. 1991.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Além de súditos: notas sobre revoltas e identidades coloniais na América Portuguesa*. Tempo, Niterói: UFF, v. 5, n. 10, p. 81-95, dez., 2000.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. *Rebeliões no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MELLO, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada: Guerra e Açúcar no Nordeste, 1630-1654*. 2 ed. Rio de Janeiro,: Ed.Topbooks. 1998.

MELLO, Evaldo Cabral de. *A fronda dos Mazombos. Nobres contra Mascates, 1666-1715*. 2ª ed. revista. São Paulo: 34, 2003.

ROMEIRO, Adriana. *Paulistas e emboabas no coração das Minas: idéias, práticas e imaginário político no século XVIII*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

SOUZA, Laura de Mello e. *Motines, revueltas y revoluciones en la América portuguesa de los siglos XVII- XVIII*. In: TANDETER, Enrique (org.) História General de América Latina: Ediciones UNESCO, Editorial Trotta. V. IV, Cap. 20, 2002.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Tradução: Rosaura Eicheberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.